

PROJETO SEGUIDORES DE ESOP: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Andreia Cristina da Silva (UEG)
andrea.silva@ueg.br

RESUMO

A contação de histórias é uma arte milenar que faz parte da tradição de vários povos. As narrativas orais foram transmitidas de geração em geração desde os primórdios da humanidade e contribuíram para o desenvolvimento cultural em um movimento constante de recriação. Dada a importância da contação de histórias para a formação cultural das crianças é imprescindível que o professor, durante a sua formação inicial, possa conhecer técnicas de contação de histórias e compreender o quanto esta atividade pode trazer benefícios para a formação das crianças da Educação Infantil bem como para os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de uma análise qualitativa, por meio de um estudo bibliográfico e de uma pesquisa realizada durante o desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “Seguidores de Esopo: Contação de Histórias”. Como resultado da pesquisa apresenta-se algumas reflexões sobre as contribuições da Literatura Infantil para a formação do leitor literário.

Palavras-chave:

Contação de Histórias. Literatura Infantil. Formação do Leitor Literário.

ABSTRACT

Storytelling is an ancient art that is part of the tradition of many peoples. Oral narratives have been transmitted from generation to generation since the dawn of humanity and have contributed to cultural development in a constant movement of recreation. Given the importance of storytelling for the cultural formation of children, it is essential that the teacher, during their initial training, can learn storytelling techniques and understand how this activity can bring benefits to the formation of children in Early Childhood Education as well as for students in the early years of elementary school. This is a qualitative analysis, through a bibliographic study and a survey carried out during the development of the extension project entitled “Aesop’s Followers: Storytelling”. As a result of the research, some reflections on the contributions of Children’s Literature to the formation of the literary reader are presented.

Keywords:

Storytelling. Children’s literature. Literary Reader Training.

1. Introdução

Este artigo está situado no âmbito da formação inicial de professores para trabalhar com a Literatura Infantil por meio de projetos de

contação de histórias e busca desvelar as principais implicações no tocante à prática da leitura literária e da formação de leitores literários na escola. Desse modo, com base em dados coletados durante a realização do projeto de extensão “Seguidores de Esopo: Contação de Histórias”, objetiva-se analisar a prática da leitura literária na escola, enfatizando a sua relevância para a formação de leitores.

Parte-se do pressuposto de que a qualidade da formação inicial do professor é muito importante para que ele possa desempenhar com criatividade a prática docente. Embora o futuro educador tenha passado muito tempo dentro de uma sala de aula durante o seu processo de escolarização, mesmo assim, não se pode pressupor que, de fato, ele esteja preparado para ensinar todos os conteúdos previstos para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, essa etapa é muito importante para assegurar-lhe a preparação teórico-prática necessária para enfrentar os desafios que a carreira profissional lhe apresenta.

Convém lembrar que a realização de projetos de contação de histórias, sem sombra de dúvidas, possibilita uma formação teórico-prática para trabalhar com o componente curricular Língua Portuguesa, de modo mais específico, a Literatura Infantil. Além disso, realiza-se um processo formativo que, dentre outras coisas, possibilita a compreensão da importância da Literatura Infantil para a formação da consciência crítica dos estudantes bem como para a formação do leitor literário.

Sob esse viés, os projetos de contação de histórias permitem uma maior aproximação do futuro professor com os diversos gêneros textuais do “campo artístico-literário” previstos para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Cf. BRASIL, 2017) e o currículo da escola.

O artigo está organizado em três seções, a saber: a primeira seção descreve a importância da Literatura Infantil para a formação do leitor literário e ainda discute a urgência de refletir sobre as práticas pedagógicas que têm atribuído ao texto literário um caráter utilitarista e pragmático. Na segunda seção, apresenta-se uma breve reflexão sobre a importância da formação dos professores alfabetizadores para realizar projetos de contação de histórias com vistas a contribuir para a formação do leitor literário. Por fim, na terceira seção apresenta-se uma breve reflexão sobre as técnicas de contação de histórias e as implicações dessa prática para o trabalho pedagógico do professor alfabetizador. Vale destacar que conforme Abramovich (1997, p. 23) “(...) o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor”. Portanto, ouvir narrativas é uma pro-

vocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança enxergar o que antes estava oculto, perceber o que antes não era perceptível e inventar o que antes nem sequer ela conseguia imaginar. O mundo pode se tornar outro, como mais significados e várias interpretações.

2. A importância da Literatura Infantil para a formação do leitor literário

Tradicionalmente, a escola utiliza os textos do “campo artístico-literário” com fins meramente utilitaristas e ou pedagogizantes. A esse respeito Cunha (1988) menciona:

Até bem pouco tempo atrás nossos livros impingiam à criança poemas preconceituosos, pregando sempre o amor à pátria, à árvore, às boas ações, e assim por diante. Esses textos eram feitos sobretudo por educadores, e não por poetas. (CUNHA, 1988, p. 119)

Corroborar-se o entendimento de Cunha (1988) ao destacar que a Literatura Infantil quase sempre adquire um caráter puramente pedagógico. Segundo a autora em obras desse tipo há uma redução da criança à concepção de um ser educável. Vista sob este prisma, a infância é subestimada em toda a sua complexidade.

Muitas obras feitas para crianças e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesse caso, temos uma pretensa literatura infantil, exatamente como, dentro da produção artística para adultos, existem lamentáveis e- quívocos: há maus romances, maus poemas, maus contos. E ninguém invalida a literatura por isso. (CUNHA, 1988, p. 22)

Inadvertidamente, os textos literários, sejam escritos em prosa ou verso, são introduzidos nos livros didáticos com a intencionalidade de transformar a “(...) narrativa artística em um artefato de utilidade imediata.” (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 82). Usualmente, a escola se utiliza da Literatura Infantil seguindo a tradição grega que usufruía da obra literária como um artefato moralizante tendo por base o preceito horaciano de atar o útil ao agradável. Logo, no decorrer do processo evolutivo da humanidade, os textos literários, foram, gradualmente, solidificando um caráter utilitarista, assumindo, desse modo, na prática pedagógica uma dupla finalidade “(...) a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2014, p. 20).

Cunha (1988) argumenta que há duas espécies de livros infantis. Vale lembrar que a autora não considera, para efeito de estudos, como Literatura Infantil as obras com teor informativo, didatizante, moralizador. Para a autora a produção literária para crianças não pode ser entendida fora da concepção de infância que emerge da obra. Assim, denomina-se Literatura Infantil, obras com várias características e tendências díspares.

Segundo Cunha (1988), ao assumir uma concepção conservadora de infância, a Literatura Infantil torna-se, predominantemente, a expressão da “palavra-informação” cuja função principal é ser formativa e informativa, pois atende à necessidade de instrução da criança bem como sua necessidade pela fantasia, pela distração, pela ludicidade e pelo desenvolvimento de sua imaginação e criatividade. Diferentemente, ao assumir uma concepção emancipadora da criança, a Literatura Infantil é a expressão da “palavra-arte” cuja função não é exclusivamente a informação, mas a pluralidade de significados, permitindo múltiplas interpretações e possibilidades de fruição, como, ademais, é a função de toda outra obra de arte: fonte de conhecimento, reflexão e prazer estético consistindo, justamente nisso, sua função formativa e emancipadora. A autora emprega os termos “palavra-informação” e “palavra-arte” para mostrar as duas funções assumidas pela Literatura Infantil as quais estão ligadas às concepções de infância: a conservadora e a emancipadora.

Conforme Abramovich (1997), o poema sofre os maiores preconceitos editoriais. A autora menciona que edita-se pouco e sem muito critério, pois os grandes poetas brasileiros não possuem versões infantis de sua obra, no entanto, poetas não tão bons, por sua vez, têm seus versos impressos.

Na escola, os professores geralmente selecionam as cantigas folclóricas ou poemas com versos curtos (redondilhas menores e redondilhas maiores) ou poemas com musicalidade, rimas e jogos de palavras para que os alunos pratiquem a leitura. Embora os professores selecionem bons textos nem sempre estes são trabalhados de forma adequada. Quase sempre as atividades propostas remetem à ortografia de palavras que os alunos necessitam aprender. Raramente a escolha dos educadores é despertada pela mensagem do texto.

Por conseguinte, é fundamental considerar que este gênero textual é fruto da sensibilidade e, visa despertar os sentimentos, ou seja, o texto poético tem a finalidade de emocionar o leitor. Portanto, dentre todos os gêneros textuais, segundo Cunha (1988), o poema não deve ter compro-

misso com aspectos morais ou instrutivos. Para a autora o texto poético não deve ser usado em função das disciplinas curriculares ou datas comemorativas, além disso, propõe que o poema seja utilizado de uma forma mais livre com a finalidade de despertar a sensibilidade dos estudantes.

Para trabalhar com o poema na sala de aula Cunha (1988) recomenda que o professor busque uma metodologia que seja capaz de prender o aluno ao poema. Desse modo, para a autora o professor pode lançar mão da leitura expressiva que requer uma preparação prévia. Conforme a autora, “a leitura adequada do texto, por si só, pode ser suficiente para criar o gosto pelo poema” (CUNHA, 1988, p. 121). O contato permanente dos estudantes com os textos poéticos é fundamental para que eles possam aprender a apreciar a leitura de textos poéticos.

Para Carvalho (2009), a criança e o adulto tem em comum o fato de que há quem goste e quem não goste de poema. No entanto, para que a criança ou o adulto saibam se gostam ou não é necessário experimentar. A autora ainda menciona que “o essencial é ser apresentado a diferentes poetas, ter direito de gostar mais de uns do que de outros, aprender seus poemas favoritos de cor (...)” (p. 93).

Abramovich (1997) mostra que a poesia infantil não deve ser moralizadora, ou seja, tratar de assuntos edificantes (comportamento cotidiano, hábitos de higiene, datas comemorativas), pois ao tratar destes temas o poema não é bom e quase sempre mal escrito, podendo se tornar entediante. A autora critica também os textos poéticos voltados ao público infantil que fazem uso de uma linguagem muito infantilizada com palavras no diminutivo, assuntos piegas, temas patrióticos dentre outros. Conforme a autora, os textos poéticos para crianças precisam ser de primeira qualidade. Para a autora:

Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pela página quase como uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui (ABRAMOVICH, 1997, p. 67)

Dessa forma, para trabalhar com o poema na sala de aula é importante selecionar textos criativos e que sejam capazes de despertar o sentimento dos pequenos leitores. Utilizar poemas que empregam jogos de palavras, rimas, ritmo, musicalidade e aliterações (repetição de fonemas para produzir efeito). Enfim, selecionar textos que despertem sensações, sonhos, desejos e vontades de forma lúdica e prazerosa. É importante

lembrar que o poema fala, sobretudo, de sentimentos experimentados, sentidos, despertados. O professor também pode trabalhar com poemas narrativos. As crianças apreciam muito as narrativas contadas sob a forma de versos.

Indiscutivelmente, as crianças gostam de brincar com a sonoridade das palavras, por esta razão, o poema adquire nas salas da pré-escola e nas turmas de alfabetização um papel importante. Assim, para Cademartori (1986):

Uma alternativa à manipulação da sonoridade linguística para estimular a percepção do meio material da língua, em detrimento do fim comunicativo, surge com o lugar que a escola pode reservar ao poema infantil na pré-escola e na primeira série. Na exploração espontânea da língua pela criança, a referencialidade, frequentemente, se torna secundária, o que privilegia a função poética da linguagem. É uma atividade prazerosa para a criança descobrir as possibilidades combinatórias das unidades linguísticas e, ao mesmo tempo, perceber em que medida funciona a sujeição das regras que ela mesma está, igualmente, descobrindo. (CADEMARTORI, 1986, p. 70)

Com relação à interpretação dos poemas, segundo Carvalho (2009) é necessário evitar as intermináveis atividades de ortografia e gramática bem como a imposição de uma única possibilidade de interpretação. Além do mais, os poemas, assim como os demais gêneros textuais do campo artístico-literário, não devem assumir um caráter moralizante, mas sim despertar a sensibilidade e a fantasia.

Diante do exposto, acredita-se que é fundamental que o professor crie oportunidades para que os alunos possam fazer a leitura de poemas em voz alta, organize jograis para que eles possam declamar o poema em coro, trabalhe com a memorização de pequenos poemas, marque o ritmo dos textos poéticos com palmas ou movimentos do corpo, estimule-os a criarem poemas e os exponha no mural da escola ou os apresente em um sarau.

A princípio, é necessário elucidar que é por meio das narrativas orais que o professor contribui para a ampliação da cultura dos alunos. O relato de uma história é uma prática utilizada com certa frequência na sala de aula. Essa prática consiste em contar uma história já conhecida. Trata-se de uma metodologia que favorece o desenvolvimento da oralidade, por esta razão, pode ser utilizada tanto pelo professor quanto pelos alunos, de modo especial, os alunos que ainda não estão plenamente alfabetizados e que não conseguem reescrever as histórias ouvidas ou lidas.

Ademais, o contato permanente da criança com a obra literária traz implicações pedagógicas muito significativas para o desenvolvimento cognitivo, pois,

Observando livros infantis, as crianças inventam histórias inspiradas nas ilustrações. Criam narrativas para si mesmas e para os colegas. As histórias lidas ou narradas pela professora, e pelos alunos também, têm um papel importantíssimo na educação da criança: elas alimentam a imaginação e o sonho, melhoram a expressão verbal, aguçam a curiosidade, criam amor pelos personagens, pelas palavras, pelos livros. (CARVALHO, 2009, p. 53)

Nessa perspectiva, é importante que o futuro professor possa apropriar-se de metodologias para trabalhar com o reconto. Antes de propor qualquer atividade para os alunos é primordial que o professor saiba como realizá-la, assim, para que os alunos possam se tornar contadores de histórias eles necessitam ouvir o professor contando histórias na sala de aula. Dessa forma, é muito produtivo para o desenvolvimento do reconto que o professor se proponha, vez ou outra, a contar histórias para a classe.

Sob essa ótica, Abramovich (1994) argumenta que o contador de histórias precisa aproveitar o texto:

E para que isto ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 1994, p. 21)

Convém esclarecer que o reconto é uma metodologia muito importante porque exige a escuta ou a leitura prévia das obras literárias. Dessa forma, para que os alunos se iniciem nessa prática, é importante que o professor proponha uma história conhecida de memória, contudo não é necessário que os alunos reproduzam a história literalmente. Tendo como ponto de partida um enredo já conhecido, o desafio é que organizem a história com suas próprias palavras. Alguns elementos do texto original serão mantidos, outros não, pois o aluno seleciona palavras que julga interessante aproveitar e, em outros momentos, organiza com suas palavras o conteúdo conhecido. Dessa maneira, ao recontar uma história estará recriando-a, produzindo uma nova versão, à medida que seleciona os elementos linguísticos mais adequados.

Somado a isso, Abramovich (1994) argumenta “E mesmo as crianças maiores, que já sabem ler, também podem sentir grande prazer no

ouvir... Afinal, não ouvem discos, não escutam rádio (sem nenhuma imagem)?!” (p. 23). Nesta perspectiva, é oportuno pontuar que os textos narrativos têm sempre uma finalidade:

Não devíamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação. A narração é um antiquíssimo costume popular que podemos resgatar da noite dos séculos, mas nunca tecnicizá-la com elementos estranhos a ela. Usar slides ou qualquer outro meio de ilustração e distração é interferir e neutralizar a sua mensagem, que sempre é auditiva e não visual. (ELIZAGARAY *apud* ABRAMOVICH, 1994, p. 23)

O exposto acima mostra que para narrar uma história o professor não necessita de recursos, mas sim conhecê-la bem e aprender a utilizar a própria voz para dar vida ao texto que está narrando. Assim, tornar-se um contador de histórias não requer a utilização de recursos como muitos imaginam. Basta apenas um professor motivado e uma boa história.

As crianças acostumadas a ouvir histórias lidas em voz alta aprendem aos poucos sobre sintaxe (a forma pela qual as frases são organizadas para fazer sentido) e o léxico ou o vocabulário da língua escrita. Isto vai ajudá-las a aprender a reconhecer de ouvido as normas linguísticas que regem a escrita, mesmo que ainda não saibam empregá-las. O domínio da escrita é um aprendizado de longa duração que começa na alfabetização e se estende por vários anos. (CARVALHO, 2009, p. 53)

Destarte, considera-se o reconto uma atividade interessante para desenvolver as competências relacionadas à linguagem oral. Quando o aluno é desafiado a apresentar uma história a um público – colegas da própria turma ou alunos de faixas etárias menores – ele precisa organizar a narrativa, assim, para realizar tal tarefa utilizará todo o conhecimento que construiu como ouvinte ou como leitor das histórias que conhece. Desse modo, para que os alunos realizem recontos, é necessário que já tenham uma vivência como ouvintes ou como leitores de diferentes narrativas literárias (fábulas, contos, pequenos romances, crônicas etc.). Quando o aluno assume o lugar de quem conta a história, o seu conhecimento é reconstruído e ressignificado.

3. A formação inicial de professores e os projetos de contação de histórias

No processo formativo dos professores alfabetizadores a relação dialética teoria e prática deve ser vivenciada com a criação de oportunidades para a leitura de obras literárias e a experimentação de metodologias voltadas para o trabalho com a Literatura Infantil e com os diversos

gêneros textuais do campo artístico-literário. Esta formação envolve a pesquisa, a elaboração e execução de projetos de contação de histórias bem como o estudo dos gêneros pertencentes a este campo de atuação. Ainda deve possibilitar a troca de conhecimentos entre os professores experientes e os futuros professores o que pode contribuir sobremaneira para o aprofundamento de conteúdos e metodologias para o ensino de Língua Portuguesa por meio de atividades de leitura e escrita.

[...] o professor de língua materna assume um papel fundamental, pois é dele a responsabilidade de criar possibilidades para que o aluno se insira no mundo da escrita. Essa inserção vai se dar pela disponibilidade para a mudança, que também não nasce do nada, mas das ressignificações das práticas de ensinar que podem levar à ressignificação das razões para escrever. (RIOLFI *et al.*, 2014, p. 123)

Para Poersch (1990) “o objetivo do alfabetizador é transportar a criança do domínio do código oral para o domínio do código escrito” (p. 44), na prática, isto significa que o professor alfabetizador deve conhecer as variações linguísticas, a estrutura e o funcionamento da língua e também os diversos gêneros textuais que circulam na esfera social para poder ensinar à criança a ler e produzir textos com originalidade e autonomia. Para tanto, entende-se que o professor alfabetizador é um profissional que deve possuir sólidos conhecimentos linguísticos.

O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos linguísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise. (POERSCH, 1990, p. 37)

Com base no exposto acima, evidencia-se a importância das experiências em sala de aula adquiridas durante a formação inicial do professor, pois os saberes pedagógicos adquiridos tanto na teoria quanto na prática são fundamentais para o exercício da docência. Desta feita, corrobora-se o entendimento de Silva (2004) que argumenta:

Nunca é demais lembrar que a docência não é um dom, mas um ofício construído através de um processo formativo que envolve um percurso pessoal e profissional de vida. Um percurso que é dinâmico contínuo e progressivo. O compromisso fundamental do professor é com a organização-transmissão do saber e com a formação do ser humano naquilo que lhe cabe através de currículo escolar. (SILVA, 2004, p.168)

Outrossim, a incorporação de práticas pedagógicas que envolvam a Literatura Infantil no percurso formativo, possibilita uma melhor compreensão do papel da escola na formação do leitor literário. A leitura literária contribui para a ampliação de conhecimentos ligados às mais diversas áreas bem como a aquisição de novas experiências por meio da ima-

ginação e da criatividade, as quais são aprofundadas com as atividades de leitura, as dramatizações de peças teatrais e a elaboração de propostas de atividades para trabalhar com as obras literárias. Sendo tão importante no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, a Literatura Infantil torna-se de suma importância na formação docente por oferecer os subsídios necessários para que o professor se torne de fato um leitor e apreciador de textos literários. Logo,

A implementação dos currículos organizados para os cursos de formação não podem prescindir do planejamento de situações que favoreçam a formação de professores leitores e não de simples reprodutores/as de ideias e conteúdos, que, ao invés de aproximar os indivíduos da leitura, dela os distanciam, interditando a possibilidade de acesso a diferentes e novos conhecimentos. (SILVA, 2004, p.169)

A elaboração e execução de projetos de contação de histórias contribui muito para incentivar a leitura literária na sala de aula. Pois, a criança gosta de ler livremente, a imposição de fichas de leituras e a elaboração de resumos são metodologias pouco eficazes para motivar a leitura de livros na escola. Os professores que atuam na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental necessitam de metodologias que contribuam para aproximar o pequeno leitor das obras literárias.

Por esta razão, torna-se necessária a busca de propostas de trabalho que possam oportunizar aos futuros professores tanto da Educação Infantil quanto dos anos iniciais do Ensino Fundamental a formação do gosto pela leitura por meio de uma maior aproximação com obras da Literatura Infantil, levando-os de forma lúdica a desenvolver metodologias, criando estratégias que incentivem o hábito de leitura na atual geração de estudantes.

Para tanto, é imprescindível um redimensionamento no exemplo do professor enquanto leitor para despertar o interesse do aluno, na sala de aula é fundamental que ele tenha o hábito pela leitura, pois quanto mais o professor ler para e com os alunos maiores serão as suas contribuições para a formação de alunos leitores.

De acordo com Costa (2009),

[...] a preocupação com sua própria formação de leitor leva o professor ao melhor conhecimento do que é a história dos livros, da leitura, dos novos produtos existentes no mercado, apura o gosto pessoal e dá maior segurança ao trabalho de formação de leitores infantis e juvenis. (COSTA, 2009, p. 37)

Portanto, considerando a necessidade de melhorar a formação do futuro professor, ressalta-se que a prática da leitura literária nos iniciais do Ensino Fundamental é imprescindível para a construção do conhecimento, o desenvolvimento intelectual, ético, a ampliação do vocabulário e a formação da consciência crítica do aluno. Tudo isto demonstra a necessidade de se propor na formação inicial de professores uma prática pedagógica voltada a formação do leitor literário, pois a ação do professor poderá aproximar os alunos dos livros.

De acordo com Abramovich (1994):

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... (ABRAMOVICH, 1994, p. 17)

Coelho (1991) destaca a relevância da Literatura Infantil:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p. 5)

A formação do leitor literário requer um trabalho diferenciado com a Literatura Infantil, a criança gosta de ouvir e recontar histórias, assim, os professores, para atuarem na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, necessitam de uma preparação para utilizar técnicas de contação de histórias que encantem os alunos, prendam a atenção deles, façam com que eles imaginem os personagens e os lugares em que os fatos narrados aconteceram.

Para tanto, os cursos de formação inicial de professores precisam oferecer uma sólida formação teórica para trabalhar com a contação de histórias e com metodologias interessantes para envolver os alunos com os livros. Assim, considera-se muito importante para a formação de futuros educadores a possibilidade de refletir sobre a importância da Literatura Infantil para a formação do leitor literário bem como compreender o que é a Literatura Infantil e como ela pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

4. As técnicas de contação de histórias: implicações para o trabalho pedagógico

Para se tornar um contador de histórias o professor precisa conhecer algumas técnicas. Porém, antes de iniciar a narração, Zóboli (1991) argumenta que seria útil e conveniente que o educador conversasse sobre ela com os ouvintes com vistas a evitar possíveis interrupções. Reforça-se esta ideia. Assim, o professor deve orientar as crianças para que elas permaneçam atentas e em silêncio durante a narração da história. Para Zóboli (1991, p. 121) “o contador deve ficar sentado, sem se movimentar de um lado para outro, pois para os alunos se torna difícil saber se acompanham os movimentos físicos de quem conta ou os fatos da história”. Os movimentos bruscos do contador podem dispersar os alunos por esta razão devem ser evitados. Além do mais, conforme Dohme (2009, p. 42) “O ritmo da narração terá colorido a partir da intensidade e detalhamento que se dá a cada fase”.

A introdução, conforme Dohme (2009), deve ser breve, no entanto deve durar o suficiente para transmitir todos os elementos para o entendimento da história, em outras palavras, isto significa que a história não precisa ser narrada precipitadamente. A introdução é o momento de maior relevância da narrativa para despertar o interesse dos ouvintes. Outrossim, é importante saber dosar o tempo, pois o contador não pode entediar a plateia. Se no início da narração o contador propiciar um ambiente entediante isto provocará o desinteresse dos ouvintes. Assim, a introdução tem uma dupla finalidade: dar um panorama suficiente para que os ouvintes conheçam a história e seduzir a plateia.

Segundo Abramovich, o melhor jeito de começar uma narrativa é “através da senha mágica ‘Era uma vez’” (ABRAMOVICH, 1994, p. 21) ou outra forma inventada pelo contador que seja agradável e interessante. Além disso, a autora afirma que é importante que a criança saiba que a história que ela escuta está impressa em um livro. Sob esse ponto de vista, seria muitíssimo produtivo apresentar o livro para os ouvintes. É importante que a criança saiba que ela pode voltar à história tantas vezes quanto desejar.

No que diz respeito ao enredo, Dohme (2009) esclarece que:

[...] deve ser detalhado sem exagero, em uma sequência regular e bem ordenada. O ponto culminante, ao contrário, é curto, o suficiente para se conceituar bem a ideia. É o momento, também, que o narrador deve usar de toda a sua ênfase, jogo de entonação de voz e expressão corporal. (DOHME, 2009, p. 42).

Com relação ao desfecho, também deve ser curto, objetivo e com detalhes suficientes apenas para possibilitar a compreensão da história e manter a magia. Portanto, conforme Dohme, deve-se renunciar aos “detalhes supérfluos que não acresçam nada. Não se deve dar a moral da história, deve-se deixar que as próprias crianças a concluem” (DOHME, 2009, p. 42).

Além disso, o contador de histórias deve aproveitar bem o texto, pois um bom contador de histórias consegue criar suspense e expectativas nos ouvintes. Além disso, é imprescindível utilizar a voz para dar um colorido a mais para a narrativa com diferentes vozes – uma para o narrador e outras para os vários personagens da narrativa. As crianças se divertem muito se na narrativa o contador incorporar músicas e ou cantigas folclóricas e permitir que elas participem cantando durante a contação de histórias. A escuta de histórias é uma prática recomendada para todos os públicos, ou seja, não se limita somente às crianças que não sabem ler. Tanto as crianças alfabetizadas quanto os adultos apreciam uma boa narrativa.

Zóboli (1991, p. 121) argumenta que “o tempo de duração de uma história depende da faixa etária e dos interesses que desperta nos alunos. Para as crianças menores não é recomendado ultrapassar 10 minutos, enquanto que para as maiores bastam 20 minutos de narrativa”. No entanto, corrobora-se o entendimento da autora que argumenta que o tempo de duração da narrativa pode ser flexível e que isto depende das circunstâncias.

Para que a magia permaneça durante a narração é muito importante não interrompê-la. Nesse sentido, faz-se necessário que o professor oriente as crianças para o momento da contação de histórias. Assim, é fundamental estabelecer algumas regras por meio de um contrato didático.

Zóboli (1991) argumenta que

O contador de histórias nunca deve interromper a narrativa. Quando a interrupção é uma espécie de complementação ao que o narrador contou, ele pode confirmar com um sorriso, um gesto ou então uma palavra. Quando, porém, a interrupção for uma forma de o aluno chamar a atenção do professor, este deve olhar fixamente para o aluno que o interrompeu e pedir para ele aguardar. Após a conclusão da história, então, o contador indaga aquele aluno sobre o que ele queria saber. (ZÓBOLI, 1991, p. 121)

Cabe frisar que, é fundamental diversificar as atividades de contação de histórias o professor pode desenvolver várias atividades como a

dramatização, o desenho, a pintura, a modelagem, o recorte e a colagem, as brincadeiras, as dobraduras, a criação de textos orais e escritos. Para essas atividades é necessário deixar a criança usar o seu potencial criativo, tendo o professor apenas a tarefa de orientador dessas atividades.

É possível ainda também se vestir a caráter de acordo com as histórias que estão sendo narradas, contar as histórias com o acompanhamento de instrumentos musicais e ainda confeccionar recursos pedagógicos e organizar atividades de reconto com a participação das crianças.

5. Considerações finais

No cotidiano das salas de aula, a arte de contar histórias ressurgiu como recurso pedagógico importante para despertar o interesse das crianças pela leitura literária, além do mais, a contação de histórias é imprescindível para o desenvolvimento da comunicação oral das crianças.

A escuta de histórias dentro de diversos gêneros textuais permite que os alunos se familiarizem com as características da língua. Vale lembrar que a sintaxe e o léxico da língua escrita diferem da língua oral. Além de ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre a língua, o contato deles com o texto escrito contribui para a organização da sequência (começo, meio e fim) e, além disso, contribui para o desenvolvimento da criatividade, imaginação e o desenvolvimento da consciência crítica. Como mostra Cavalcanti: “A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos.” (CAVALCANTI, 2002, p. 12).

Somado a isso, convém ressaltar a importância da transmissão social e linguística no ambiente educacional para o desenvolvimento da comunicação oral, por esta razão, enfatiza-se a importância da contação de histórias e da leitura de histórias para as crianças da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e isto implica na formação inicial de professores que necessitam de conhecimentos acerca da Literatura Infantil e de técnicas de contação de histórias.

O ato de contar histórias não se restringe mais em transmitir ou resgatar ensinamentos de uma geração para outra. No ambiente pedagógico a contação de histórias vem ganhando espaço, conquistando a todos pelo simples prazer de ouvir, por aguçar a curiosidade e ampliar o vocabulário das crianças. Sendo a linguagem um instrumento mediador entre

as relações sociais do educando com o ambiente em que vive, tornando-o um ser social, histórico e cultural é muito importante que o educador crie contextos significativos para estimular a comunicação oral das crianças.

A convivência com o adulto contribui para o desenvolvimento da oralidade, contudo no ambiente pedagógico é necessário organizar outros espaços e tempos que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral, para que as crianças experienciem situações comunicativas, como recitar parlendas e poemas, cantar músicas infantis, além disso, o professor pode preparar ambientes aconchegantes no momento de leitura e contação de histórias e situações de roda de conversa, fazendo com que o aluno faça o uso da linguagem oral em uma prática dialógica e envolvente.

É muito importante que o educador conheça várias técnicas de contação de histórias e reconheça o potencial dessa prática pedagógica para o desenvolvimento da oralidade. A escuta de narrativas é uma atividade muito importante para a criança pré-escolar e para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Sempre que possível o professor pode diversificar as atividades que envolvem a contação de histórias: como a dramatização, o desenho, a pintura, a modelagem, o recorte e a colagem, as brincadeiras, as dobraduras, a criação de textos orais e escritos. Além disso, pode utilizar a Roda de Conversa e o Cantinho da Leitura para a expressão das narrativas infantis.

O ato de contar histórias sempre existiu, veio de várias gerações passadas. As narrativas eram utilizadas para educar as crianças, explicar os mistérios da natureza e proporcionar diversão. Além disso, por meio das histórias se pode resgatar a cultura e os hábitos dos antepassados, desse modo, devem fazer parte das atividades de contação de histórias as lendas e os mitos.

As narrativas que os professores contam, são a base para a construção das histórias das crianças essa construção se dá pela interação com o mundo representado pelo adulto e pelo uso da linguagem. A leitura e/ou a contação de histórias também podem beneficiar a criança fazendo com que ela pronuncie melhor as palavras e se comunique melhor de forma geral.

Em síntese, um dos pré-requisitos para despertar o gosto pela leitura é aguçar a imaginação e promover o conhecimento através do despertar da curiosidade. Nessa ótica, a contação de histórias torna-se um recurso importante num espaço onde a presença da arte literária irá con-

tribuir também para o desenvolvimento do senso crítico e para despertar o gosto pela leitura literária. Portanto, defende-se a importância da realização de projetos de contação de histórias durante a formação inicial dos professores alfabetizadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em 20 de jun. 2022.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação*. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. Ática, 1991.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário teoria e prática*. 2 edição. 3. re-impressão. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Marta Morais da. *Literatura, Leitura e Aprendizagem*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1988.

DOHME, Vania. *Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

POERSCH, J. M. Pode-se alfabetizar sem conhecimentos linguísticos? In: TASCA, M; POERSCH, J. M. *Suportes Linguísticos para a alfabetização*. 2 ed. Porto Alegre: Sagra, 1990.

RIOLFI, Cláudia. *Ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2014. (Coleção ideias em ação).

SANTOS, C.C.S dos; SOUZA, R. J de. A leitura da literatura infantil na escola. In: _____. *Caminhos para a formação do leitor*. Org. Renata Junqueira de Souza. 1. ed. São Paulo: DCL, 2004. p. 80-90

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Ensino-aprendizagem e leitura*: desafios ao trabalho docente. In: SOUZA, R.J. de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

ZÓBOLI, Graziela. *Práticas de ensino*: subsídios para a atividade docente. São Paulo: Ática, 1991.